



OBRA DE RAPAZES, PARA RAPAZES, PELOS RAPAZES

Redacção, Administração e Propriedade: Casa do Galato de Porto—Paço de Sousa
Vales do Correio para Cete—Preço 1000

DIRECTOR E EDITOR: Padre Américo

Composição e Impressão—Tip. da Casa Nun'Alvares R. Santa Catarina, 628-Porto
Visado pela Comissão de Censura

DE COMO FOI A MINHA TERCEIRA CORRIDA O DINHEIRO

COMECEI aqui pela porta, no Grande Hotel da Torre de Entre-os-Rios. Não sei se é das águas, do sítio ou da gente. O que eu sei é que ninguém me dá tanto noutros hotéis, como no supracitado! Os santos da porta, lá de longe a longe, também fazem o seu milagre. Segui para o sul. Na Curia, fiz alto. Não ia pedir ali e bem no pudera ter feito, que não faltava gente de boa vontade, mas não estavam as coisas dispostas. Ainda assim, um cavalheiro sem nome, quiz dar-me uma nota das grandes. Tinha ele estado em Paço de Sousa em o Natal passado. Saira aquêle modesto casal de dentro de um carro modesto. Subimos ao 1.º andar da Casa-mãe. Trocamos duas palavras amigas e ligeiras. Era a Senhora quem falava e deu-me um eloquente envelope—cinco contos. Isto foi em Paço de Sousa, naquele tempo.

Ontem, na Curia, foi de novo ela quem falou. O Marido passou-lhe a nota e ela declina o verbo. É um destes raros pares que contrairam um dia o sacramento do matrimónio, criaram os filhos e ficaram no ninho, agora sosinhos, em perene lua de mel! Poesia? Não. O Evangelho não tem frases feitas! Não ia pedir à Curia, como ficou dito. Aquela esmola, foi um acidente. Fui ali visitar uma serva da Casa do Gaiato, a quem os médicos recomendaram águas daquela estância. Antes de a mandar, tirei informações e soube de uma tal Pensão Oceano, para onde tinha ido o ano passado uma pessoa de família do informador: *Que era no Parque, a dois passos dos banhos e muito em conta.* Com tais notícias, despachou-se a dita serva para a dita pensão. O que, porém, se ignorava, é que no sítio aonde estivera aquela casa, é hoje o hotel das Termas—e que hotel! Levantou-se em 7 meses!

Fiquei ali umas horas. Almocei com a doente, que para maior desgraça escolheu um quarto fundeiro e para cumulo delas todas, levou companhia, de trôpega que ia! Que fazer eu, ao descobrir o engano? Mudar a doente? Não. A ignorância tira a culpa. Expuz o caso à Direcção do novo Hotel e espero que me atendam.

Com esta esperança, embarquei no «rápido» para Coimbra, onde cheguei altas horas. Tinha havido azar por alturas de Espinho. Pernoitei no Lar do ex-Pupilo. No nosso Lar. O maior desafio às realidades do Evangelho é isto de um padre pobre (não confundir com pobre padre) que professa a Pobreza do Mestre, ter casas em Coimbra, em Miranda, em Paço de Sousa e no Porto. Casas aonde ele, o padre pobre, come e dorme e a muitos dá de comer e de dormir! Se alguém se espanta—eu mais do que qualquer! Dia fora, dou voltas na cidade, a fazer tempo para a automotora, que me há de levar à Casa de Miranda. Cheguei. Era a merenda. A merenda em nossas casas, é uma das horas mais querida e mais temida. Querida, pelo bem que sabe. Temida, pelo susto de a perder, por castigo.

Vi ali o *milagre* das uvas. Dos cachos. Que milagre? É que sendo as parreiras tão rasteiras e os cachos tão apetitosos e tantos a apetece-los, eu observei com os meus olhos que se alguns há depenicados,—é obra das galinhas! Os garotos respeitam! Os mesmos que ontem assaltavam os quintais por fruta, hoje respeitam a fruta. Tal a força do ambiente! O dia ia a declinar, quando me ausentei dali a caminho de S. Martinho do

Porto, praia esta que já vai entrando em o número das terras do meu clamor. Felizmente não estava o meu nome nas esquinas. Ia ser o apóstolo discreto do altar, que não o pedinte de feiras. Se não fôra e ter de me fazer tudo para que todos sejam meus, jámais ia às praças públicas!

Ali encontrei a costumada esmola que as mesmas graciosas creanças veem entregar, dentro dum envelope silencioso. É uma esmola inteligente, sobe, enquanto o poder do dinheiro desce. Este ano foi de mil escudos. Eu conheço uma aleijada que anda a pedir esmola. Serviu uma família, que lhe deixou a tença de um tostão, ao tempo considerada suficiente para o seu bem-estar. Pois os herdeiros cumprem *religiosamente*. Ele é possível haver moralistas que descarreguem os herdeiros e estes, também, outrossim se considerarem. Dão o tostãozinho à mulher e acabou. Mas não. Não cumprem. Cumprir um testamento é ir direito à vontade do testador. Uma das maravilhas do ser humano, é mandar depois de morto. Ora a vontade de quem deixou a tença, é que nunca a sua creada viesse a sofrer a necessidade de mendigar. Aqui é que está: Melhor consciência é a deste Senhor da praia de S. Martinho que, sem nada dever, acompanha, solícito, o estado da moeda. Pedi na igreja às estações da missa. Faltou-me este ano a nota de um Palha Branco, para fazer a conta dos sete. Não estava. Ofereceram-me o producto de um dos tais bailes de caridade e eu declinei. *Sancta sancte.*

Passei a tarde na ponta do cais, sózinho:

Gozei. Encontrava-me cheinho como um ovo. Oxalá as sapientes mãos dos homens não introduzam nunca modernices naquela praia! Enquanto fôr obra de Deus, como é, será sempre admirável. Jantei numa casa amiga. Foi borôa de milho amarelo e fruta de compota e carne e pão de trigo e vinho, e bolos, como diriam os nossos vendedores do jornal. Tudo são saladas russas, no seu candido descrever!

O comboio vinha atestado. Chegamos a Lisboa por que horas. No dia seguinte começo o dia em S. Domingos. Vou ao Instituto Nacional de Estatística, dizer ao Director que só não temos respondido ao que nos pedem, por também ignorar a história de um grande numero de rapazes que nos procuram, e disse-lhe do officio que nos intimava ao pagamento da multa, segundo o artigo a do decreto b. Não sei que mais apreciar neste Senhor; se a maneira como desculpou os subalternos ou as palavras de encorajamento que me dirigiu. Apertei-lhe a mão. Quizera beijar-lha. Fôra, reparei no magestoso edificio do Instituto Superior Técnico, como grande é este da Estatística. Vi a avenida Afonso Henriques mai-la fonte monumental.

Aqui eram quintas, informa o motorista: Parei um bocado a saborear. Gosto de ser português. Ele há muito mais a fazer, sim, mas o certo é que já se vai a caminho de Pavia. Dali dirigi-me à Baixa. Os táxis, em Lisboa, são baratos e os seus condutores, honestos. Nem em toda a

Continuá na segunda página.



Uma merenda agitada. Trata-se de conier. É melancia. Vamos a ver quantas talhadas caíham a cada tico. O caso é sério. Nem os GRANDES se intendem, que fará os pequenos!

Carta da Obra do Ardina

Lisboa, Calçada da Glória, 39

Assinar o «Ardina» — jornal irmão do
«Gaiato» — é o mesmo que comprar acções
de valores... sociais recuperados, de valor
intindo, portanto!

Depois de um mês de silêncio, devido à falta de tempo, que não à de assunto... ardina, que esse é inexgotável, cá nos tens outra vez «Gaiato» e leitor amigo.

Vimos falar-te do jornal «O Ardina», que saiu quasi sem se dar por isso, no começo de Setembro. O jornal é mensal. O seu custo 1\$00. A assinatura mais, muito mais, o que a tua generosidade quizer e puder dar.

Quando nos perguntam: «quanto quere que dê para a «Obra do Ardina»? A nossa resposta invariável é: o mais que puder e quizer dar...

Ora as assinaturas do «Ardina» são as fontes de receita da «Obra do Ardina», que, por enquanto, está de perca, e de grande perca, com o jornal. São as pequeninas pedras que irão ajudar-nos a educar centenas de ardinas, facilitando-nos a abertura da 2.ª «Casa do Ardina», de 3.ª e 4.ª, quem sabe? Precisamos assinantes, muitos assinantes. Temos apenas 46, por enquanto, quando precisamos milhares deles.

Só estão pagas, e a 50\$00 cada, três dessas assinaturas, quando precisamos de... muitos contos de reis.

Não temos cobradores, não fazemos cobranças, mas precisamos que nos enviem logo que seja possível a quantia que queremos... pôr a render socialmente.

Esperamos muito, muito. Dinheiro e... assinantes. Hoje em dia nada nos espanta, desde que descobrimos valor... literário no «Ardina», quando escrito por... ardinas!

—«Com bom papel, boa apresentação, vende-se à «fessanga», minha senhora, apesar de estar pouca gente em Lisboa».

Disse-nos um ardina, no seu calão, que não corrigimos, antes deixamos e até... adoptamos, por vezes.

Em Lisboa vendeu-se o «Ardina», mas não à «fessanga», por enquanto, quando tanto queríamos que assim fôsse... (tais filhos, tal mãe, dirás, desculpando, como nós...)

Do Porto e de Coimbra, esperamos respostas, bem como de Setúbal. Para Bragança, seguiram dez números comprados por alguém amigo, que os quiz distribuir por... futuros assinantes. Bem-haja!

Quem quer seguir este exemplo, inscrevendo-se à cabeça de rol de uma lista de assinantes, e propondo-se vender avulso na sua cidade, vila ou aldeia?!

Que outros tomem a «Obra do Ardina», como sua, muito sua, que assim aliciarão a cruz bem pesada, por vezes, da...

MARIA LUÍSA.

Colónias de Campo

Regressou o 4.º turno e terminaram os nossos trabalhos, por este ano.

Não fugiu nenhum colono!

O passeio grande deste grupo, foi à quinta dos Pinto Bastos, de Cete. Antes, tinha sido à mata do doutor Avelino, em Coreixas, e os outros, foram em montes abertos, mas o certo é que cada grupo teve o seu picnic. Avelino e Pinto Bastos compareceram e reforçaram fidalgamente com fruta e doces, a nossa merenda.

O dia do passeio grande é inesquecível. Não é o passeio que é grande, é mas é a ocasião. Eles saem de manhãzinha a puxar um carro de mão, donde vão as caçoilas mais o que nelas se há-de cozinhar. Lenha, é dos montes. Lugar, é escolhido por eles. Regressam à noitinha, mais contentes do que cansados.

Foi no ano de 1934. Eu tinha arriscado o primeiro serviço de colónias de campo com garotos de Coimbra. Tudo correria bem. Descia a encosta do Liceu o pároco da Sé Velha, com quem troquei impressões. Se você continuar com essa obra, disse ele, aperfeiçoa-se.

Continuou-se a obra das colónias de campo. Dela nasceram as Casas do Gaiato. Da desorganização, saiu uma formidável organização!

Quanto custaram as Colónias do Garoto das

Crónica do Lar do Porto

Rua D. João IV, 682

Noticias da Conferencia

A pobresinha de Camões faz tratamento no Hospital de Santa Maria, e parece que se sente melhor da perna. O pai do pobre do Adriano continua doente e ainda não pode trabalhar. O céguinho, mais uma vez pede aos nossos leitores, que precisa de roupas, esperamos a vossa generosidade.

O Filomeno (pretito), gosta muito de ler o nosso Gaiato, e quem lho leva é um nosso subscritor mensal.

Para observações foi o nosso Presidente, a casa do pobre Gabriel Arouca, verificando este que presentemente não tem muita necessidade. Durante esta quinzena recebemos os seguintes donativos: 5\$00 que entregaram a um vendedor e 20\$00 e mais um medicamento de um anónimo. Agradecemos aos nossos benfeitores.

Noticias diversas

O Chinês n.º 1 é o homem do dia. Quando guardava os pintainhos, escapou-lhe um que se meteu na cosinha. O pito assustado, espantou-se e voou para cima do fogão e eis que foi cair dentro da panela da farinha de pau. Teve sorte, caso caísse quando estavam a cosinhar, teríamos frango...

—O Chan Kai Chek recebeu da mãe, doces e mais lambarices; foi ter com a Senhora e com o Chefe oferece-los, mas estes não aceitaram. Então Chan Kai Chek, em seguida dividiu-os pelos seus companheiros. Ao contrario com o que aconteceu naquela vez, o Senhor Presidente da China, comeu o jantar ao seu colega tihoso, por uma troca com pão...

—Tem havido estes dias tribunal. Já foram chamados, o Rui e o Senhor Chinês. O primeiro por ser um bocado preguiçoso nas obrigações, e o segundo por aceitar fruta dos vizinhos. Também foi chamado o Amandio por ter sido menos atencioso para com a governante, e ao mesmo tempo louvado, porque estando suspenso de jogar por castigo, os companheiros convidaram-no para ir jogar, respondendo que não queria por estar castigado.

—Vieram de Paço de Sousa três camionetas de lenha. Todos ajudaram a descarregar, e a estende-la pelo quintal para secar.

—O Ferreirinha foi passar as suas férias a Paço de Sousa, e o Poupa foi mai-lo Senhor Padre Américo a Vila Meã, pedir na missa da freguesia.

—Temos mais um tihoso, o Albino, parece que a rapaziada o quer baptisar com o nome de Rabeca, por fazer muito beicinho quando se está a rir... Já veio baptizado de Paço de Sousa com o nome de «Grão de bico», mas o Rabeca é mais bem posto.

—No Domingo fomos todos passear ao rio. Atravessamo-lo de barco, para lá e para cá, e na praia tomamos banho. No final comemos a merenda e regressamos, todos satisfeitos da boa tarde que passamos.

Ofertas durante a quinzena

Duma Senhora recebemos um par de sapatos e uma camisa. De um empregado do Café Imperial recebemos respectivamente, 100 escudos que ele achou e 20\$00 achados por um Senhor no Café. Levamos o nosso rádio a concertar à Firma Arnaldo Trindade que não nos recebeu nada pelo concerto do aparelho. Também nos foi oferecido por um subscritor da nossa conferencia, roupas para os nossos rapazes. Do Senhor Bernardo Sá recebemos 200\$00. E por ultimo só tenho a registar que os nossos benfeitores erraram com a porta...

Ilhas do Porto, em Paço de Sousa? E, quanto as do Garoto da Baixa de Coimbra, em Miranda do Corvo? Quanto? Não se sabe. Não é da nossa conta. O nosso intuito é que nada lhes falte, a eles, garotos, e nisso temos sido muito felizes e havemos de continuar a ser. Hoje, como ontem, é hora de milagres.

Cantinho dos Rapazes

Meus filhos; o Zé Maria de Cinfães, continua a ser muito falado entre nós, e são tudo lições que cada um deve aproveitar. Há mestres do Bem e há mestres do

Mal. Os primeiros são de seguir; os segundos de fugir. Foge dos maus, se não quizeres ser mais tarde como eles.

Pois o Zé Maria arranhou uma gazua e foi com ela ver se entrava em casa de alguém, com o intuito de roubar. Uma gazua, quere dizer, uma chave arranjada por ele. Empregou toda a sua inteligência e cuidado, na arte de procurar chave falsa. Pensou antes de o fazer; tudo pontos de desgraça. Não chegou a praticar o roubo por ter sido descoberto a tempo, mas perante a justiça de Deus, é como se o tivera feito. Quiz roubar. Empregou os meios? Roubou. Não tem nada a restituir, sim, mas tem a culpa. Deus perdôa, mas ele será capaz de arrependimento?!

Vejam lá, meus filhos, como é preciso ser-se fiel nas coisas pequenas, para não cairmos mais tarde nas grandes!

O Zé Maria esteve umas horas preso na cadeia e para que o soltassem, declarou ao Juiz que se destinava à Casa do Gaiato. Uma refinação mentira. Outra desgraça. Quem mente, é por isso mesmo incapaz de se arrepender. A mentira é veneno da alma. Ora muito bem. Que cada um de vós esteja sempre alerta, sobretudo aqueles que são mais inclinados à tentação de roubar. Venham ao meu quarto entregar as coisas, como fazem alguns. O Nosso Bom Deus, nunca se deixa vencer em generosidade e paga a cento por um. Olha que pode acontecer que tu venhas a cair na desgraça do Zé Maria!

De como foi a minha terceira corrida ó dinheiro

Continuação da 1.ª página

parte assim acontece. Aqui há tempos, no Porto escaldaram-me.

—Quanto marca o aparelho?

—Não trabalha.

—Porque é que me recebeu, sem avisar?

—E você para que é que entrou?!

Claro está que com gente assim não se pode tratar.

Pois dirigi-me à Baixa, sim, na Capital. Estava designado ir procurar um Senhor, mas no caminho lembrei-me que talvez valeria o mesmo um outro, e foi à porta deste que mandei parar. Subi.

—Ele haverá transmissão de pensamento? E' que estava precisamente nesta altura a pensar de como lhe havia de mandar uma encomenda!

A qual encomenda era o produto da venda de uns objectos de ouro, que os netos daquele Senhor quizeram oferecer aos gaiatos—duas notas de mil. Agradecei.

A meio da tarde fui a casa de uma família amiga mostrar-me, e viram-me: trez notas de 500\$00. Nas ruas, as perguntas do você é que é o padre Américo, com os respectivos tome lá.

No Cais de Sodré, às vintes horas, tomei o comboio do Estoril. E' verdade; o comboio do Estoril e por volta das onze e quê, dei entrada no Casino, a pregar àquela gente o Deus Desconhecido! Passava muito da meia noite, quando tomei um ligeiro para regressar a Lisboa. Os carros à volta do casino, nem se podiam contar, de tantos que eram! De uma vez, pedia eu em o altar de certa igreja, a uma assembleia distinta. A palavra, naquele sitio, corta, penetra, faz estremecer. Acabada que foi a missa e já na sacristia, aparece-me um grupo de jovens:

—Sabe, padre, sentimos a nossa vida tão vazial

—Em que é que se ocupam?

—Nada. Andamos por lá.

Aquêle por lá, segundo eles me informaram era por ali. Ora como eu ando muito afeito a ouvir desta minha gente, ao interroga-los sobre o que fazem, o mesmo andamos por lá, logicamente concluo que a vida daqueles há-de ser a mesma, só os lugares diferem. O rápido do dia seguinte, estava à minha espera, quando cheguei à estação. No percurso do hotel, um Ardina quiz saber se eu era o padre Américo; e imediatamente se planta à minha frente: deixe-me ir.

—Olha que é muito longe:—E' para lá do Porto.

—Não faz mal. Eu meto-me debaixo dos bancos e vou de graça.

Cheguei a casa. Conte. Não chegou para a nova folha da quinzena, também de dezoito contos menos quê. O que me valeu foram os visitantes do Porto, que vieram cá trazer para cima de 4 contos durante a minha ausencia! A gente não pode dizer mal de ninguém, mas bem, sim. Eu cá digo bem do Porto. Só bem.

Eles dão nas igrejas. Eles dão nos teatros. Eles nos postos emissores. Eles nas ruas. Eles veem cá trazer. Ai Porto; quem te não há-de amar!

MIRANTE DE COIMBRA

«Obra de Rapazes, pelos Rapazes» é a já consagrada fórmula que preside ao trabalho de reeducação dos nossos vadios. Não podemos dizer que seja um ideal utópico. Se os nossos chefes não atingiram a perfeição, vão pelo menos a caminho dela. O trabalho do Assistente vai sendo gradualmente suprido, com vantagem, pelos dirigentes que com a idade e experiência tomam consciência da sua responsabilidade. Dobramos o cabo das tormentas.

Quem diria, por exemplo, que no Lar era possível encontrar um Maioral capaz?

Pois, felizmente, há muito por onde escolher. Os factos falam por nós.

UM CHEFE.

As eleições livres deram o poder ao Teles. O Herlander, maior cessante, está actualmente em Paço de Sousa, a desempenhar um papel idêntico, na ausência do Assistente dali. Mas o Teles não pode estar sempre. Há dias, num dos meus giros impetratórios, encontrei-o na estação da Pampilhosa.

—Então por aqui?

—Calhou, assim. Vou até S. Fiel passar uns dias de Férias!

—Férias! e o Lar?

—Pitou o Luiz a substituir-me.

Ora aqui está — *rei morto, rei pôsto!* Entra maior, sai maior e a vida continua sem solavancos.

Eu gostava que se fizesse o mesmo com os meninos de sangue azul dos nossos colégios aristocratas ou com os filhos de famílias escolhidas dos nossos Seminários.

OUTRO CHEFE.

Este de Miranda. O Professor foi também para férias. O Assistente, a maior parte do tempo anda por lá, como dizem os vadios que chegam. Quem há-de governar os quarenta e cinco gaiatos da casa? O Sérgio, de 17 anos feitos há pouco, tomou conta da chefia.

Há dias o comboio atrazou-se umas horas. Já estavam deitados quando cheguei. Depois de jantar tomei o brevíário e passava da meia noite quando o fechei.

Numa vista de olhos pelos dormitórios das casas de família, dou com duas camas vazias — a do Sérgio e Lisboa. O coração deu-me um pulo.

—Onde estarão eles a estas horas? Procurei a governante que também não encontrei. Maul Esperei algum tempo. Ela apareceu pouco depois; vinha da capela. O trabalho extenuante do dia não lhe deixara tempo livre para fazer a sua visita ao SS.^{mo} e aproveitava a tranquilidade da noite para satisfazer a sua devoção.

Mas o Sérgio?

—Se calhar estava a guardar o batatal que tinha sido assaltado na noite precedente.

—Sérgio! gritei do alto da escadaria.

—Snr. Padre! — respondeu prontamente.

—Os ladrões ainda te não assaltaram?

—Desgraçado daquele que aqui puser os pés! — Vem deitar-te que eu antes quero que roubem as batatas todas, que tu apanhes uma doença.

—Não há perigo, a noite não está fria. Já agora ficamos mais um bocado.

Tinha motivos para dar graça a Deus: Os rapazes vigiam pelos interesses materiais da casa; a Senhora de mãos erguidas, vigia pelos interesses espirituais.

LATAS e C.^a

É palpável a vontade do Alto a respeito das nossas visitas aos Pobres, envergonhados. Não admira: são Seus filhos. O que Ele não faz directamente, quer que os seus Ministros o façam. Há abismos a preencher entre a riqueza e a miséria; há ódios que só a caridade desfaz, há tristezas que levariam ao desespero se não houvesse uma palavra de conforto.

A visita aos pobres é a pregação mais convincente que se pode fazer aos que não frequentam os templos sagrados. Um dia percorria uma enfermaria dos Lázarus. Impressionou-me uma cara macilenta e descorada que me não era de todo estranha. Aproximei-me e ouvi uma voz sumida: *snr. padre queria confessar-me*. Era um antigo paroquiano. Estive dois anos naquela freguesia, e nunca o vi na igreja. Ia deitando os bofes pela boca a pregar, mas nunca tive a consolação de administrar os sacramentos a um moribundo sequer. Uma insignificante esmola veio,

afinal, a proporcionar ocasião de colher o primeiro fruto do antigo apostolado.

Mas independentemente da ideia de qualquer proselitismo, a visita aos pobres, que vivem nos bairros de pau e lata, impõe-se mesmo só por sentimentos humanitários.

Eu creio que Coimbra estaria a estas horas coalhada de bairros económicos se quem risca se arriscasse a percorrer connosco a vivenda dos miseráveis. Se eu fosse ministro pediria a minha demissão no próprio momento em que não conseguisse melhorar o alojamento daquele pobrezito que encontrei a dormir na casota dum cão.

E a gratidão dos Pobres? Encontrei agora uma velhinha que mora numa capoeira da Conchada a fazer o seu caldito. Eram duas folhas de couve e umas peles de cebola a nadar num caco velho. Achei extraordinário que o fogo não pegasse nas tábuas o alojamento. — *Tome lá tiazinha, vá comprar alguma coisa para meter na panela.*

—Deus te pague meu filho, pela alegria que me dá!

Ai, meu filho, isto vem do céu! Bendito seja Deus. Já ia longe e ainda se ouviam os louvores que repetia. A umas pequenitas que acorreram a pedir que fosse também a casa delas, perguntei: — Quem são os mais pobres deste bairro. — *Olhe que não há que tirar a um para dar a outro.*

—Dê também a estes que não têm nadinha. Olhe aqueles ali também...

A solidariedade do pobre! Que lição para os ricos.

PELO CORREIO.

Gira muita coisa mas poucas aqui vem dar. A última carta era dum rapaz libertado da Penitência. Enviava 500\$ para as despesas do primeiro rapaz do Lar que vai casar brevemente. — *Eu não me esqueço que já beneficiei com a Obra, e dentro do que me fôr possível hei-de sempre contribuir para que ela seja cada vez mais extensiva a tantos mais que precisam do seu amparo quer moral quer material.*

De Lisboa mais 1.000\$ e 500\$ e 155\$. Dum médico de Coimbra 500\$. De visitantes brasileiros 50\$; 100\$ dos arredores de Miranda. 20\$ na Rua e 20\$ pelo bom êxito nos exames. Azeite de S. Pedro d'Alva e azeite de Miranda. Queijo magnífico, para as merendas, da Beira. 100\$ dum Sacerdote, 100\$ de outro visitante 120\$ do Porto, de alguém que é de Coimbra. 50 chavenas e respectivos pires, da Porcelana de Coimbra. Vinho, fruta, hortaliça etc. da nossa mãe de Tábuas. Roupas usadas em muito bom estado. A terceira das obras de misericórdia é por vezes a que mais apreciamos. Revistas frequentes de Coimbra — gaudio do gaiato e distração dos doentes do Hospital. 50\$ vinho, 12 broas, galinhas e mais 50\$ dum vizinho amigo. 100\$, 50\$, 20\$, 5\$, 20\$ de visitantes do Estoril, a veranejar na Louzã. Todos os anos estas famílias vem ver os progressos da casa. Parte destas esmolas é fruto do suor dos pequeninos que sendo ricos, não se envergonham de trabalhar para os abandonados. 20\$, e mais 20\$ de visitantes e 300\$ de outros visitantes de Lisboa. 500\$ dum anónimo dos Açores, 20\$ de Matozinhos e 20\$ na Gráfica de Coimbra.

Nota da quinzena

Hoje, primeiro domingo de Setembro. A porta da nossa capela abriu-se às 8,30 e começaram a entrar em dois grupos; primeiro, o das colónias, que se colocou do lado da epístola e depois o da Casa do Gaiato, do lado do Evangelho. Eu sei que muitos dos meus leitores se aborrecem, de eu falar em capelas e coisas celestes. Já me tem ralhado por isso. Há dias, uma carta da capital, vinha a fazer lume: *desde que v. tem capela, desmereceu no meu conceito.*

Quem pode agradar a todos? São palavras. Continuemos. A capela encontra-se repleta.

O mestre de canto abre o *harmonium* e o cântico dos pequeninos aproxima-se. Duzentos rapazes da rua cantam ao pé do altar! O evangelho do dia é a parábola do bom samaritano. Estava ali a lição aplicada. Eu, que era o celebrante, senti todo o vigor da doutrina de Jesus. Não da do *meigo nazareno*, como alguns querem que Ele seja, mas sim a do Homem de Dores, como diz a Escritura. Ouvi-O dizer novamente por palavras misteriosas: *Sim; faze como fez o Samaritano e viverás*. Ora o que importa no mundo é viver, não de qualquer maneira, mas sim como o Mestre manda que se viva: *Hoc fac et vive*.

Notícias da Casa de MIRANDA

POR JOÃO CARLOS FREITAS

1 Na sexta-feira veio cá o Snr. Padre Américo. Não trouxe o que nós esperávamos, que era a bola. Demorou-se cá só um dia. Os rapazes das colónias enfeitaram a casa a julgar que o Senhor P.^e Américo lá ia, mas não foi por estar muito cansado.

Gostávamos muito de o ver.

2 O Hiroito foi passar algum tempo à Figueira. Mas não queria lá estar, andava sempre a pedir à mãe para escrever para o deixarem voltar. Ela telefonou ao Sérgio a dizer «que não queria estar mais naquela terra, a Figueira, que só falava em voltar para a nossa casa. Queria ir outra vez levar as nossas ovelhas e tinha muitas saudades da «beta» que é a nossa cabrita». Já voltou com os que foram vender o jornal. É irmão do Alvaro que fugiu com dinheiro e foi para a Tutoria.

3 O Tónito é muito teimoso. Tem sido muitas vezes castigado por andar ao pé da piscina mas não há meio de sair de lá.

No outro dia estava a lavar o lenço e caiu dentro do tanque. Deve ter bebido muita água. À noite quando foi comer vomitou tudo por cima dele. Assim talvez se emende. Quando o Sérgio o apanha a chorar mete-lhe a cabeça na água e ele começa a gritar! Ai meu padrinho eu não torno! eu gosto muito do meu padrinho!

4 As uvas estão quase maduras. As galinhas foram as primeiras a prová-las. Dos meninos só o Zé das Bolas e o Tónio é que não resistiram à tentação e começaram a vindimar cedo. Não admira porque um é muito pequenino e o outro chegou há pouco tempo. Vamos creanças a merendar de cachos.

5 O Senhor Professor foi para a Figueira e o Senhor P.^e Adriano tem andado quase sempre para fora. Quem toma agora conta é o Sérgio. É ele que marca as obrigações e as faz cumprir. Todos têm respeito por ele. Andamos agora na colheita do milho. Somos nós que fazemos tudo.

6 Começamos a deitar abaixo umas casas velhas que se compraram para fazer de novo. Já está quase toda deitada abaixo. Como é para destruir todos gostam. Qualquer dia vem os pedreiros para começar as obras e dar trabalhos aos da casa que hão-de ser pedreiros e carpinteiros.

7 As nossas colónias terminaram no dia 8 com as festas da Senhora da Piedade. Juntou-se muita gente para assistir sobretudo à procissão que era muito comprida e correu vários rochedos aos ziguezagues. Os colonos que estavam preparados comungaram pelos bemfeitores como é costume, no fim de cada turno. Dentro do Santuário cantaram os gaiatos e o Lisboa tocou harmonio. No arraial tocou a música de Miranda. Quase todos os rapazes queriam continuar as colónias e muitos pediram ao Snr. P.^e Adriano para ficarem na Casa do Gaiato.

Agora chegou um turno de raparigas da casa do trabalho da Sé Nova.

A nossa escola

...na Casa de Miranda, vai ser começada com os nossos próprios meios, ajudados pelo trabalho dos gaiatos. Assim ficou combinado, na derradeira visita que ali fiz. P.^e Adriano mostrou a planta, feita por arquitecto amigo, de Coimbra. A resposta à nossa carta, donde se pedia a construção de um edifício escolar, veio a dizer que não, visto como nada está previsto em construções de escolas naquela região. Mas a gente não tem tempo de esperar. Não podemos esperar. Os vadios examiam, todos analfabetos. Quanto não vale um homem saber ler e escrever? E se esse dito homem foi creança dos enxurros?

Com este pensamento, resolvemos dar início às obras. Os pequeninos obreiros são garantia. Damos-lhes trabalho. Grande lima, para limar grandes defeitos. O resto, tudo o mais que fôr preciso, vem por acréscimo. Pode o mundo desmoronar, sim. A palavra de Deus, essa, —nunca. Não volta a traz. É como a chuva que cai. Rega, fecunda, frutifica.

Isto é a Casa do Gaiato

FÉZ-NOS cá muita falta o cachopos. O Cachopos foi transferido para a casa do Porto, por conveniência de serviço, como se diz-se. Ele era aqui o que furava as creadelas. todos acudiam a ele: O cachopos, olha! O cachopos, é o Jorge de Caide, assim chamado pela maneira como a principio se derigia a malta: O cachopos. Pois o Jorge, digo, ao ouvir a solicitação do paciente conduzia-o a um tanque pateirinho que temos na quinta, mandava-o sentar numa das margens, ia por um espinho de limoeiro e... já está!

Não há bem que sempre dure. Que o diga o Batata Nova, que anda por aí no bico dos pés, tantas são as creadelas! Ontem foi o dia de muitos visitantes. Ouviase grande risota num grupo deleas. Foi-se ver o que era. Que havia de ser? Era o Batata Nova a puxar as saias duma senhora: ande; fure-me esta creadela!

em que a senhora estava em tratamento na Curia e o P.ª Fatela da mesma sorte no Porto e o professor Arlindo em Lisboa, mai-la noiva. Que fazer? Eles são 130!!

Reuni o tribunal e contei que duma vez, no Lar de Coimbra, juntei os rapazes e perguntei-lhes se me podia ausentar por uns dias e deixá-los ao cuidado de si mesmos, sob o dedo fraternal do chefe, ao que eles disseram animadamente que sim. Andei por lá 15 dias e no regresso topei as coisas como as havia deixado. Dito isto, de maneira a ser compreendido, chamei os nossos chefes ao meio, a saber se me podia ausentar. Que sim, responderam todos, e eu fui-me embora. Ficou o Joaquim Andrade, o nosso professor de música, cego de nascença! Sim; retirei-me em paz. Tinha

todos os argumentos a meu favor, para contar com o elemento sobrenatural que nunca falha; nunca por nunca ser: a minha ausencia bem como a dos mais, era um caso honesto. Eu levava cada um deles atravessado no peito. A intenção era recta, e está tudo dito. Postas as premissas segue-se a conclusão: *E' Deus quem governa a cidade.*

ANDAMOS aqui a viver agora numa grande trapalhada. Foi o caso que um senhor amigo deu ao Periquito um casal de garnisés e até aqui está tudo muito bem. Mas o tal senhor, mais tarde, faz o mesmo ao Rio Tinto e nisto, também se não vê mal de maior importancia. O pior é que o galo do Periquito matou o do Rio Tinto à

bicada, mas isto ainda não é tudo. A verdadeira trapalhada consiste em que as galinhas andam presentemente a pôr e os dois disputam a posse dos ovos!

— São meus.
— Mas não. São mas é meus.
— A galinha é minha.
— Mas o galo é meu.

Esta? O mercado negro implantado na nossa aldeia! Foi um dos tribunaes mais solene d's ultimos tempos — e mais rigido!

Foi com o pão. O pãosinho centro e raiz de todos as discordias. Era trigo. O Rio Tinto, naquelle dia, cosera pão branco. Miguel, o dispenseiro, partiu, segundo o numero de comensais. Vieira, um dos refeitores, começa a distribuir e a apetececer. Mas como?

As rações estavam feitas! Muito fácil. Vai-se a oito bocados dos que lhe pareciam maiores e tira oito bocados que guarda no armário. Foi descoberto e apupado. Assim se faz o mercado negro, onde houver o comilão, há o mercado negro.

AGORA as merendas são de melancia. Das nossas melancias. E' o Bartolo que vai por elas à horta, que disse está encarregado. Não só melancias, mas também pepinos e couves e tomates e aboboras, mas melancias é que é! As outras coisas são para cosinhar, enquanto que aquela fruta é para merendar. Depois a cor. Tão encarnadinhas por dentro! A's avessas do que por aí se vê...

O antigo Zé Maria anda por lá a fazer das suas, como é natural. Ele devia estar em um reformatório. Tem apenas desasseis anos e quê. Ontem veio carta da Comarca do Marco de Canaveses a dizê-las frescas a seu respeito. A carta foi lida e comentada em tribunal.

TRAZEMOS actualmente uma data de rapazes a dar serventia nas obras, isto não só porque estamos em tempo de férias e importa ocupá-los, mas também porque temos urgência das casas em construção.

São eles o António de Cete, o Norberto de Paredes, o Dito de Gaia, o Fala barato, o Bucha, o António de Penafiel, o Ernesto segundo, o Raúl de Paços de Brandão e o Agostinho. O Ernesto segundo, não sabe de onde é o mesmo se diz do Agostinho.

Todos desempenham as suas funções muito bem, mas o Agostinho é que tem levado a camisola amarela. Foi por isso convidado a almoçar comigo. Todos ficaram muito contentes, por ele ser o mais pequenino dos pequenos trabalhadores.

Oscar, que dava os foles na oficina de ferreiro nasceu a pasta ao Tiquedinha e anda actualmente a dar serventia ao electricista. Ele quer ser electricista. Já escolheu, mas falta-lhe o exame da 4.ª classe. O tempo em que havia de andar na escola, passou-o nas ruas, daí o atraso. Isto succede à grande maioria dos nossos homens.

Já chamei um dos que se encontram colocados no Porto. E' o Luis. Trabalhava numa pastelaria. Veio para a uossa cozinha.

Era já orfão de pai, quando ouviu as derradeiras palavras da mãe, a instituir-me herdeiro universal da sua fortuna. Era ele, o Luis, a fortuna!

O Carlos Inácio acaba agora mesmo de me narrar com grande entusiasmo, que no Porto viera ter com ele um chauffeur a dizer: andava morto por ver um gaiato. Eu sou assinante, vês aqui? (Mostra um gaiato) Mas quero comprar. Dá cá. Toma 20\$00. Dá-me também um livro. Toma 10\$00. Pronto; 30\$. Agora entra aqui pró carro que eu vou dizer os meus senhores que venham ver um gaiato. Os senhores vieram e compraram mais gaiatos. Isto contou-me o Inácio, entre outras mais coisas, no seu regresso da venda. Eles não costumam falar à verdade.

TIVEMOS de resolver aqui uma situação difficil com a prata da casa que é a melhor.

Foi assim. Eu tive de me ausentar por uns dias, na ocasião

Não temos queixas de ninguém e também, em regra, ninguém as tem do jornal. Digo em regra, porque há dias um senhor de Viana do Castelo, devolveu, por não estar de acôrdo com uma coisa que lá vinha. Ele é muito difficil haver sins sem senãos. Mas estes casos são raros. Temos um, em dez mil.

Amadeu & Rocha, L.da, Lisboa, 100\$; Eduardo da Silva Baptista, Lisboa, 30\$; Professora Lavinia Barreto, Caldas da Rainha, 30\$; José Paulo da Rocha, Viana do Alentejo, 30\$; Afonso Guerreiro Duarte, Viana do Alentejo, 20\$; António Fernando Bicarra Cabral, Viana do Alentejo, 20\$; Francisco Ferreira Valadas, Viana do Alentejo, 20\$; Dr. Paulo Maria-Professor na Universidade de Coimbra, 100\$; José António Guerra, Bragança, 20\$; Dr.ª Maria Eduarda Fernandes de Sá, Ermeizinde, 20\$; António Portela Rosmaninho-2.º Sargento, Ilha de S.to Antão, 50\$; P.ª Alvaro Vaz Quintal da Cunha, Guarda, 50\$; Alberto Ribeiro Santos, Tomar, 25\$; Menino Nicolau Salgado Parreira Amaral, Beja, 30\$; Silvina Afonso Nunes, Faro, 20\$; José Pinheiro da Silva, Porto, 100\$; Luis de Almeida Neto, Alges, 30\$; Farmácia Gomes, Termas de S. Vicente, 50\$; Professor Camilo Carlos Ferreira, Paio Mendes Ferreira do Zêzere, 20\$; Dr.ª Benedita Natália Gomes Ferreira, Porto, 40\$; P.ª José Maria Nunes, Setúbal, 20\$; Maria Idalina Moreira de Pinho, Rial-Castelo de Paiva, 40\$; Serafim Tavares Alves, Arcos - Anadia, 20\$; Carlos Manuel Santos Henriques, Porto, 50\$; Dr. José de Oliveira Xavier, Vila de Rei-Bôa-Farinha, 50\$; Manuel Maria das Neves Rebelo Velloso, Ançã-Coimbra, 50\$; António Lopes de Sá, S. Martinho de Orgeu-Viseu, 25\$00; Afonso Cunhal Patrício, Coruche, 50\$00; Alcino Lopes Coelho, Porto, 50\$.

Padre Rodrigo Moreira de Magalhães, Parámo Felgueira, 20\$; Clemente José de Castro Lopes, Cucujães, 25\$; Dr. António Emilio Monteiro Pais, Lisboa, 20\$; Jacinto Ferreira Guimarães, Santo Tirso, 50\$; Dr. José Pequeto Rebelo, Gavião, 1.000\$. Dr. Vicenzo Pono-Professor da Universidade de Coimbra, 20\$; Maria Leonor Pinto Caldeira, São Mamede-Ribadua, 20\$; Olímpio Moreira dos Santos, Setúbal, 100\$; Maria Fernanda Salvador, Lisboa, 155\$; Vasco Matos Trigo, Porto, 150\$; Ana Marcelina de Castro, Valongo, 25\$; Maria Guilhermina Punhal Patrício, Peniche, 100\$; António de Sousa Pinto Pochofel, Porto, 20\$; Sebastião Pereira Mendes, Porto, 50\$; Rita de Vasconcelos Vanzeller, Vila Nova de Gaia, 50\$; Ilda Soares Barbedo, 50\$; Alda Monteiro Soares, 20\$; Maria das Dores Monteiro, 20\$. Todos do Porto. Maria Constança Leite Freitas Fernandes, Guimarães, 50\$; Maria Clara da Cruz e Costa, S. João da Madeira, 100\$; Menino José Nuno Pereira Pinto, Porto, 50\$; Hermínio da Silva Paiano, Foz do Douro, 50\$; Marie Thérèse Albi-

na, Paredes, 25\$; Maria Rita de Queirós Velloso de Andrade Pissarra, Viana do Castelo, 30\$; Gernásio Machado Tomé, Porto, 8\$; Dr. Carlos de Castro Henriques, Porto, 50\$; Eley Mogenmoser, 20\$; Manuel Freire de Andrade, 20\$; Lama Mayer Botelho, 15\$. Todos de Lisboa. Rita da Silva Rocha, Porto, 20\$; Manuel da Silva Correia, S. João da Madeira, 25\$; Glória Alice Faria, Porto, 50\$; Isaura Cardoso Coelho, Porto, 50\$; Alfredo da Costa Teixeira, Braga, 20\$; Firmiano da Cruz Magalhães, Braga, 20\$; António Simões, Guimarães, 100\$; Adriana Ramos Pinto Costa, Porto, 50\$; Manuel Barreto Costa — Eng.º, 50\$; Maria Jesuina Gonçalves, S. Braz de Alportel, 20\$; António Bertrand Neves, Matosinhos, 100\$; Laurinda Mendes de Lemos, S. Cristovão — Sinfaes, 25\$; Godofredo Pinto Sequeira, Porto, 20\$; Manuel António de Sousa, B. de Paranhos, 65 - Porto, José Marques Gomes, Porto, 30\$; Carlos Jerónimo Fernandes Pereira, Espinho, 20\$; Luisa Merino Nunes, Vizeu, 30\$; Aurora Perdigo Ventura, Vizeu, 40\$; Maria do Céu Pereira da Rocha, Espinho, 20\$; Manuel Joaquim Pereira Leite, Arco de Baulhe, 20\$; Maria Fernandes Vieira Guedes, Leça da Palmeira, 50\$; Ana Maria Azevedo Martins da Costa, Póvoa de Varzim, 40\$; Rosália Barbosa Matos, Braga, 20\$; Manuel Peixoto Morgado, S. Martinho - Tadin, 15\$; Virginia Mendes de Abreu, 20\$; Margarida Ochem, 20\$; Maria do Patrocínio Xavier Guimarães, 20\$; Maria do Céu Marques Valença, 20\$. Todos de Braga. Alice Alves Carneiro dos Santos, Famalicão, 50\$; Manuel Augusto da Silva Brandão, Baltar, 30\$; Angelino Augusta Oliveira Silva, Paredes, 25\$; Francisco Nascimento de Sousa, Rio de Janeiro-Brasil, 50\$; Joaquim da Costa Marcolino, Vila Nova de Gaia, 20\$; Marçal Coelho, Pedras Salgadas, 60\$; Tenente Mário Figueiredo, Tomar, 30\$; Manuel Maria dos Santos Macceira-Liz 25\$; Albertina de Almeida Marques, Lourinhã, 70\$; Armindo Silva, Porto, 20\$; José Arsénio Nascimento de Sousa, Porto, 20\$; Maria Dolores Valadares Celso, Ribeira de Pena, 30\$; Amadeu Valentim Alves, Porto, 50\$; Maria José Félix Correia, Porto, 100\$; Maria José Amaral Ferrão, Foz-Porto, 30\$; Maria José Ferrão, Foz-Porto, 30\$; Dr. Joaquim Prudente, Porto, 30\$; Rogério Barbosa, Gaia, 20\$; Vergílio Cadeco, Matozinhos, 50\$; P.ª Norberto Vaz Quintal da Cunha, Guarda, 50\$; Helena de Brito, Porto, 25\$; Edgar Pinto da Silva Lello, Porto, 20\$; António Ferreira dos Santos, Ermeizinde,

40\$; Francisco Fernandes, Setúbal 100\$; José Gonçalves d'Araújo, Viana do Castelo 25\$; Carolina Dias, Avintes, 25\$; Major Alberto Cardoso Martins de Menezes Macedo, Guimarães, 20\$; Dr. António Alves da Silva, Celorico de Basto, 50\$; Dr. António Leal, Monchique, 50\$; Francisco Ferreira, Figueiró da Serra, 26\$; Anibal Sequeira, Figueiró da Serra, 20\$; José da Costa, Lisboa, 100\$; Manuel Gonçalves, Rebordão, Fundão, 20\$; Manuel Martins Jor e 2 companheiros, Louzã, 60\$; João Afonso de Carvalho, Alcaria, 50\$; José Bayolo Pacheco de Amorim, Coimbra, 20\$; Luiz Soares, Ermeizinde, 50\$; Maria Augusta, Pissarra Martins, Figueira da Foz, 50\$; Professor Carlos Gomes de Almeida Mota, Gouveia, 20\$; P.ª Duarte Júnior, Ucanha Lamego, 20\$; Maria Virginia de Melo Moreira, Porto, 20\$; Dr. Amândio Guimarães, Porto, 50\$; Maria José Rodrigues Pinho, Murtosa, 20\$; P.ª Manuel Cebolas Folguedo, Felgueiras, 25\$; Francisco Carreiras, Carapulo, 20\$; Manuel Soares Marques Murtosa, 20\$; Américo Ribeiro Miranda, Santo Tirso, 40\$; Julieta da Silva, Figueira da Foz, 500\$; Emilia Ferari, Vizeu, 40\$; Maria José M. H. Lobo das Neves, Vila N. de Poiares, 50\$; José Guedes Osório da Silva Cunha, Lamego, 20\$; António Alves de Oliveira, Porto, 30\$; Era Nunes de Pinho Delgado, Oliveira de Azemeis, 25\$; Maria Isabel Mota Serra, Porto, 20\$; Brites do Amaral Coutinho, Espinho, 50\$; Alberto de Pinho Faustino, Espinho, 30\$; Manuel Alegre Melo Duarte, Agueda, 20\$; Maria Margarida Lousada Pereira, Paredes, 20\$; Padre António Craveiro Gomes Viegas, Guarju, 20\$; Cónego Dr. Messias Gonçalves Marques, Guarda, 50\$; Padre Eduardo Mendonça Falcão e Tavora, Freches, 20\$; Padre João Gomes Laginhas, Almeida Leomil, 30\$; Padre José Pinto, Malhada Sorda, 25\$; Padre Joaquim Martins, Azevo, 20\$; Padre Alberto Monteiro Simões Cerco, Castelo Mendo, 20\$; José Rosa Ribeiro, 24\$; José Bernardo Figueiredo Lobo, 30\$; Alberto Malheiro Dias, 24\$; Miguel Machado, 24\$; Manuel Mendes, 20\$; Luiz Lopes, 30\$; Alberto Mesquita Horta Machado, 40\$; Manuel Cunha, 25\$; Antonio Marques Filho, 30\$; Maria Benedita Alves Pereira, 24\$; Emilio Lauret, 25\$; João Gomes Martins, 20\$. Todos de Lisboa.

Oscar Alfredo, Lisboa, 20\$; Visconde de Tinalhas, Tinalhas, 50\$; Albino Amílcar Moreira Carvalho, Vila Real, 100\$; Ernesto Dias da Silva, Gerez, 40\$; Maria Augusta Baltazar, Gerez, 40\$; Pátria da Silva, Gerez, 40\$; Hermínio Martins Ribeiro, Gerez, 40\$; N. Atília Ribeiro Peixoto, Vilar da Veiga-Amare, 40\$; Laura Cardoso, Manalós, 40\$; Alice Cardoso Ferreira da Silva, Porto, 20\$; Berta Delgado, Luso, 100\$; Maria Rozina Bastos, Alges, 100\$.

Olinda Simões Carvalho Mota Montemor-o-Velho, 30\$, P.ª Ferreira da Silva, Tomar, 30\$, Maria Amélia Gonçalves Vasconcelos, Porto, 50\$, Simplicio Pais Vieira, S. João da Madeira, 30\$, Stella Magalhães, Mancelos Santa Cruz V. Meã, 40\$, António Gonçalves da Silva, Tomar, 120\$, Esperança de Castro Moura Costa, Valongo, 20\$, José de Sousa Oliveira, Valongo, 40\$, Fernando Pinto da Cruz, Famalicão, 20\$, Manuel Noivo Graveto, Mira d'Aire, 20\$, Jaime Carvalho Pires, Mocim-bique, 100\$, Alda Anachoreta Correia, Coimbra, 25\$, Júlia Falcão Ribeiro, Alverca da Beira, 40\$, Alcina F. Magalhães Pinto Campos, Viseu, 50\$, Adriano Teles de Menezes, Porto, 25\$, Isolina Ferreira Querido, Valbom, 25\$, Arnaldo Trepa, Porto, 20\$, Maria Teixeira Fonseca, Gondomar-Valbom, 25\$, Isaura Vieira de Lemos, Felgueiras, 20\$, P.ª Carlos Fernandes Seabra, Lavos, 20\$, Francisco B. Falcão, Bragança, 25\$, Albano Jorge Carlos, Porto, 50\$, Narciso Matos, Porto, 50\$, Angelo Amorim Rosa, Tomar, P.ª António Alves, Agueda, 50\$, Joaquim Ferreira de Sousa e Silva, Ermeizinde, 25\$, António Pinto Lima Amorim, Entre-os-Rios, 22\$, Augusto Figueiredo Mendes Araújo, Porto, 40\$, Amélia da Silva Oliveira, Porto, 20\$, Miguel Martins, Carcavelos, 100\$, Adelaide Nunes, V. N. de Gaia, 20\$, Ester Oliveira Rodrigues, V. N. de Gaia, 20\$, Alberto Augusto, Lisboa, 25\$, António Vieira, Sédouros-Paredes, 30\$, Maria Rodrigues Barbosa, Paço de Sousa, 10\$, Maria Bella Pulido e P. lido, Barrancos, 50\$, P.ª José de Abreu Carneiro, Vermil-Guimarães, 25\$, Maria José Araújo Abreu, Gabeçudos — Famalicão, 25\$, M. Eugénia Monteiro, Lisboa, 15\$, D. Angelina de Carvalho Pinto, Foz do Douro, 25\$, Gonçalves Ramadas, Cova da Iria, 100\$, D. Maria Leonor da Silveira Cabral, Porto 25\$, D. Maria Emilia Baptista, Cepões-Lamego, 25\$, D. Maria Isabel de Sousa Syrre, Porto, 50\$, D. Maria Henqueta Louro Guerreiro, Lisboa, 30\$, Pedro de Melo Sampaio, Porto, 20\$, Casimiro Oliveira, Foz do Douro, 100\$, António Henriques da Silva (2 anos), Beateiras, 40\$, Fernando Baptista Urbano, Saima-Sangalhos, 20\$, Teresa de Almeida Lopes, Mora, 20\$, Marcelino Duarte Correia de Carvalho, Mangualde, 30\$, Eng.º Augusto Farinas de Almeida, Foz do Douro, 100\$, António Pereira da Silva, Tôrre-Entre-os Rios, 50\$, D. Maria da Glória Mota Alves (4 meses), 20\$, Otilia Ventura (2 meses), Estoril, 10\$.

Este numero de
"O GAIATO"
foi visado pela
Censura.